

**Uno,**  
**pasión intacta** (un lugar para la teoría)



## Ítalo-brasilianidade «gaúcha» como estilo de vida\*

Maria Catarina C. Zanini\*\*

Universidade Federal de Santa Maria

Miriam de Oliveira Santos\*\*\*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### Resumen

El objetivo de este trabajo es comentar algunas características específicas que se encuentran dentro de la dinámica de procesos, que históricamente estableció la identidad de los gauchos italianos en Rio Grande do Sul (Brasil). Esta doble pertenencia crea una doble identidad, que actualmente es altamente valorada, pero también crea una amplia gama de intereses, conflictos y tensiones, expresando los límites de la formación de identidades étnicas en el tiempo y el espacio.

16 17

### Palabras clave:

· identidades · identidad étnica · estilo de vida · inmigrantes · Gauchos italianos · gauchos

### Abstract

The objective of this paper is to comment on some specific characteristics that are found within the dynamics of processes, which historically established the identity of Italian-gauchos in Rio Grande do Sul (Brazil). This double membership creates a dual identity, which is currently highly valued, but it also creates a wide range of interests, conflicts and tensions, expressing the limits of the formation of ethnic identities in space and time.

### Key words:

· identities · ethnic identity · lifestyle · immigrants · Italian-gauchos · gauchos

\* Este artigo teve como base paper apresentado no 33 Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), em Caxambu-MG (Brasil).

\*\* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília – UnB (1997), doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – USP (2002) e Pós-doutorado pelo Museu Nacional (MN-UFRJ) (2008). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pesquisadora Associada do NIEM-UFRJ (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios). Pesquisador 2 CNPq.

\*\*\* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Atualmente é pesquisadora associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e professora adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade.

Este artigo tem por objetivo refletir acerca de algumas características específicas (similares ou não) encontrada nas dinâmicas dos processos de construções identitárias dos sujeitos denominados de ítalo-gaúchos no Rio Grande do Sul (Brasil).<sup>1</sup> Tal forma reivindicatória de pertencimento de caráter híbrido guarda, em seu interior, uma somatória de outras interfaces de pertencimentos e construções que pretendem tornar públicos uma série de atributos advindos de gostos e estilos de vida (Bourdieu, 1983)<sup>2</sup> específicos e que tem sido bastante valorizados nas últimas décadas no estado. Estas invocações identitárias salientam, também, uma gama de interesses, conflitos e tensões que findam por se expressar nas discursividades e nas práticas cotidianas da italianidade e de certa «gauchidade» visibilizadas e transformadas em sinais diacríticos demarcadores de fronteiras de pertencimento. Por gauchidade, entendemos o vínculo de pertencimento que é expresso por meio dos indivíduos que assim se autodenominam (e são reconhecidos como tais) e todo o repertório que é agregado a esta invocação identitária de gaúcho. Compreendemos que se trata, nas práticas, de «gauchidades» em que as tensões e os conflitos dos agentes dentro deste campo semântico e político são vastas. Outras clivagens, tais como rural/urbano, classe, gênero, raça, sexualidade, etnia, religiosidade e geração podem acionar elementos diferenciadores internos ao mundo dos gaúchos. Trata-se, pois, de um campo complexo e em constante movimento, formador uma comunidade imaginada (Anderson, 1983).

Definir, cruzar ou traçar paralelo entre as noções de gaúcho, italiano ou brasileiro não é tarefa fácil. São categorias históricas, polissêmicas e que tiveram um processamento discursivo e representativo diferenciado ao longo da história nacional e regional. Não há consenso nem entre os sujeitos que as reivindicam enquanto formadoras de seus mundos de origem e pertencimento nem entre os estudiosos. Concordamos com Seyferth (2000) ao salientar que, em parte, as categorizações hifenizadas (como a de ítalo-gaúcho ou ítalo-brasileiros que utilizamos) são elaborações de empreendedores étnicos em campos discursivos nos quais as identificações se processam<sup>3</sup>.

Os atributos das gauchidades, das brasilidades ou das italianidades são relativos e situacionais. Tanto o «gaúcho» como o «italiano» de quem se tratará neste artigo são categorias construídas e em construção sendo negociadas cotidianamente nos contextos interativos. Em nossas pesquisas era instigante observar como os descendentes de italianos faziam uso em determinados momentos dos atributos e dos gostos gaúchos e em outros não. Negociar, ampliar, visibilizar ou não determinados aspectos de si ou do grupo faz parte da vida social em que as identidades são instrumentalizadas como elementos distintivos num conjunto de relações sociais mais amplas. Além disso, deve-se chamar a atenção desde já para a passagem que a noção de colono<sup>4</sup> italiano e a de gaúcho sofreram ao longo da história do Rio Grande do Sul, saindo daquilo que Oliven denomina como a perda do «estigma da grossura» (1992: 100). Assim, da mesma forma que a figura do gaúcho deixou de significar somente grosseria, rudeza e trabalho bruto, os hábitos e valores dos

italianos, ao serem apropriados pelas classes médias (notadamente as urbanas), ressignificam seus pertencimentos e seus atributos. Dentro dessa mesma linha de pensamento, Teixeira (1988) aponta para a similaridade entre a trajetória dos conceitos de gaúcho e de colono, que transitaram do estigma para a distinção elogiosa. Em suas palavras:

(...) pode-se pensar que o termo colono tende a conhecer uma trajetória semântica algo semelhante à do gaúcho. Hoje aquele termo também está, e cada vez mais, remetendo à noção de apego ao trabalho, seriedade, pureza de caráter, simplicidade, autenticidade e, numa espécie de somatório de tudo isso, também quer significar um tipo social extremamente útil (Teixeira, 1988: 54–55).

Zanini (2006), em suas pesquisas entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, optou pelo englobamento da categoria de gaúchos na categoria de brasileiros, pois entendia que, de uma forma geral, era assim que esta questão era posta pelos pesquisados ao pensarem sobre si mesmos em termos de pertencimento de uma forma mais alargada. Em termos de elaboração contrastiva de fronteiras, estas eram acionadas discursivamente no binário italiano/brasileiro e não entre ser italiano e ser gaúcho. A categoria gaúcho era mais facilmente agregada e melhor dimensionada que a de brasileiro.<sup>5</sup> Havia muitos gostos em comum, tais como a música, as festividades e comemorações, o apego ao mundo rural e suas rotinas, o gosto pelo cavalgar, pelo chimarrão, pela noção de honra e de família, entre tantos outros aspectos que eram mencionados.

Em seu trabalho etnográfico, realizado em Caxias do Sul, Santos (2004) observa que muitos dos descendentes que reivindicam a identidade ítalo-gaúcha hoje, fazem-no por acreditar que esta identidade lhes agrega valor e contribui para a sua diferenciação social. Ser ítalo-gaúcho, é mais valorizado do que ser simplesmente, brasileiro. É interessante observar que a identidade reivindicada seja hifenizada pelo regional e não pelo nacional. Dificilmente alguém se apresentava como ítalo-brasileiro, mas sim ítalo-gaúcho. Além da identidade regional gaúcha ser bem marcada, acreditamos que contribui para isto o fato do gaúcho ser visto, pelo menos dentro do estado do Rio Grande do Sul, como superior ao brasileiro em geral.

Não obstante os diferentes contextos etnográficos e as diferenças encontradas acerca da relação identificatória ítalo-gaúcha,<sup>6</sup> Zanini e Santos assinalam que as identidades e suas afirmações devem ser compreendidas situacionalmente e como e processo elaborado no encontro de fronteiras de pertencimento (vide Barth, 2000) e também de negociações interativas e históricas mais amplas. Não se pode perder de vista o cruzamento das representações coletivas com os mercados, com a política e com os diversos campos em que os agentes disputavam posições e privilégios.

Salientando-se italianos e gaúchos ao mesmo tempo, alguns descendentes queriam afirmar seu pertencimento à terra na qual nasceram, o Rio Grande do Sul, que denomina seus nativos de gaúchos e outros almejavam mais do que isto. Ao se afirmarem e reivindicarem uma ítalo-gauchidade, assinalavam o quanto eram apegados e respeitosos a determinados valores e gostos tidos como tradicionais (expressos por meio da socialização, do movimento tradicionalista gaúcho e pela mídia de um modo geral). Consumiam músicas, roupas, comidas, participavam de Ctgs (Centro de Tradições Gaúchas), outros eram simpáticos ao MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) em que manifestavam e compartilhavam «coisas

de gaúchos», mas faziam questão de se afirmarem italianos (de origem).<sup>7</sup> As positivities salientadas em referencia ao mundo italiano como ao mundo gaúcho fazia com que tais categorias fossem acionadas sem constrangimentos ou contradicções, pois ambas eram referidas como portadoras de atributos valorados socialmente.

Entre as virtudes pelas quais é construída a figura do gaúcho no presente, segundo Maciel (1994: 39), estariam a valentia, a coragem, a honestidade, a virilidade, a alegria, a hospitalidade, o amor à liberdade e ao galanteio. Para a autora, «embora possa ser polêmica e contraditória, a figura do gaúcho é de uma grande força, ela permite a identificação» (ibidem, p. 39). Na construção de uma italianidade positivada, a alegria, a coragem, a honestidade e a hospitalidade também se mostram elementos de adscrição. Os ítalo-gaúchos talvez elencassem além destes atributos, o gosto pelo trabalho e pela família como elementos constitutivos de seus mundos também. Estas construções fariam parte tanto do universo feminino como masculino e intrageracional também. A sociabilidade propiciada nos CTGs era considerada bastante salutar pelos descendentes de italianos entrevistados. Entre as poucas críticas que Zanini ouviu durante seu trabalho de campo sobre o «modo de ser gaúcho» era quanto ao controle e repressão exercido no movimento tradicionalista sobre os seus membros quanto a forma de se portar e de vestir, entre outras. Alguns destes descendentes, já no mundo urbano, tendo ascendido socialmente, criticavam a Igreja católica por seu teor repressivo e alegavam que viver tal disciplina no interior de uma prática de sociabilidade como a dos CTGs não agradava também. Contudo, tais comentários eram isolados. De uma forma geral, há um gosto consensual entre a moralidade italiana e a do movimento tradicionalista gaúcho que prega um estilo de vida mais conservador e apegado nos valores familiares cristãos.

Como ressalta Maciel (1994: 42), tanto o colono italiano quanto o gaúcho como tipo social de homem do campo existem na atualidade, mas o que deve ser ressaltado é que «enquanto figuras emblemáticas, o gaúcho valente e livre assim como o colono tenaz e trabalhador representam valores caros às populações envolvidas» O quanto há de invenções ou de reconstruções em suas formas de ser se torna menos relevante do que observar qual a força e a potencialidade invocadora e aglutinadora de tais pertencimentos.<sup>8</sup> Oliven (1992) salienta que na construção idealizada do gaúcho, o imigrante italiano teria sido excluído, já na formação discursiva do italiano o que se observa é que alguns atributos do gaúcho foram agregados, tais como a coragem, o gosto pela música, pelo canto e pela festa, o gosto pelo churrasco e pelo chimarrão, pelos CTGs e pela sociabilidade familiar. Pensamos que conhecer os processos narrativos e interativos destas construções e destes encontros é algo extremamente revelador da riqueza da história humana do Rio Grande do Sul e de suas gentes diversas. Não tendo pesquisado diretamente tais questões em nossos campos junto aos descendentes de imigrantes italianos, entendemos que a escrita deste artigo é um exercício analítico introdutório a este universo que cruza casa, comida, afetos, sons e uma infinidade de diacríticos que emprestam sentido às narrativas identitárias individuais, familiares, grupais e regionais também. Importante observar, como assinalado na narrativa abaixo, como os ítalo-gaúchos interpretam a si mesmos neste processo de encontros de diversidades no tempo e no espaço:

(...) que não tem nada a ver, um gaúcho que tome chimarrão com garrafa térmica seguramente tem muito pouco a ver com aquela imagem do gaúcho de antigamente quer dizer então é mais ou menos isso que acontece com o italiano. Quer dizer, tem alguns hábitos que ele continua a cultivar só que ele tá fazendo isso da maneira própria do nosso tempo (descendente homem, terceira geração, 52 anos, morador urbano da cidade de Santa Maria).

Pensando-se na relação entre cultura brasileira e estilo de vida, observamos que, por bastante tempo se insistiu em uma cultura brasileira única e uniforme em todo o território nacional. Só a partir da Constituição de 1988 o Brasil começa a se pensar como Multiétnico e Multicultural, o que vai implicar em uma série de redefinições da cultura brasileira e mais do que isso dar margem para várias reivindicações de políticas públicas voltadas para grupos étnicos específicos.

20 21

### **Emigrados italianos no Rio Grande do Sul: breve histórico**

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul de uma forma expressiva se deu a partir de 1875, momento em que as primeiras famílias de emigrados italianos chegaram ao estado. Aquela população era composta, majoritariamente, por camponeses católicos do norte da Itália, despossuídos, buscando melhores condições de vida que vinham da Itália como um estado nacional recém-unificado e com muitos conflitos internos. Tal processo migratório pode ser compreendido, naquele momento específico, como um acordo entre governos. O governo brasileiro desejava tais populações, pois como ressalta Borges Pereira (1987) os italianos eram considerados migrantes ideais, por serem brancos, católicos e tidos como pacatos trabalhadores. A Itália, convulsionada por crises econômicas, religiosas e demográficas exportava contingentes humanos como forma de aliviar seus males internos.

Aqueles emigrados mesmo sendo, em sua quase totalidade, do norte da Itália, possuíam diferenciações entre si. Eram venetos, trentinos, friulanos, lombardos, mantovanos, cremoneses, falavam dialetos distintos, adoravam santos padroeiros distintos, comiam e casavam de forma diferenciada, enfim, havia entre eles outras auto-identificações e fronteiras de pertencimento acionadas. Como ressalta Lorenzoni (1975)<sup>9</sup>, em suas memórias da travessia transoceânica, nem todos aqueles emigrados se compreendiam em seus diferentes falares. A experiência comum que partilhavam era a do processo migratório, a da ruptura da terra natal, de um processo de *dapaysement* (Santin, 1996). Aquela era a Itália que emigrava para o Brasil: plural, despossuída, conflitiva, familiar, católica, camponesa, pobre e mal compreendida. A noção de que eram italianos foi se processando já em terras brasileiras no contato com as sociedades hospedeiras quando se aglutinaram numa referência comum e genérica frente ao «diferente» encontrado nas terras do «Novo Mundo».<sup>10</sup> Durante o período da II Guerra Mundial, quando o Brasil entra no conflito lutando ao lado dos aliados contra o Eixo (formado por Japão, Alemanha e Itália), os descendentes destes grupos passam por processos repressivos no Rio

Grande do Sul. Tal relação dos imigrantes e seus descendentes com o governo brasileiro vai se processar de forma diferenciada conforme a classe social dos mesmos, se residentes em zonas urbanas ou rurais, se falantes dos dialetos italianos, entre outros elementos. Zanini (2005; 2006) observou haver neste período e após o mesmo um silenciamento identitário advindo da estigmatização da italianidade. Reivindicar-se italiano naquele momento belicoso era «perigoso» e tido como um ato de traição à pátria brasileira. Aliás, os italianos, alemães e japoneses e seus descendentes eram considerados seres «perigosos» e tratados com certa desconfiança. Buscando ascensão social, os italianos do Rio Grande do Sul mantiveram suas rotinas de trabalho tornando menos manifestas suas reivindicações de etnicidade. Contudo, em 1975 quando das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no estado e já num quadro de ascensão social expressivo dos descendentes que se tornaram empresários, intelectuais, políticos, entre outras atividades de prestígio, as italianidades começaram a ser reivindicadas e manifestas publicamente. Um sem número de publicações e de festejos deixava claro o quanto as fronteiras ainda estavam acionadas e haviam sido pouco pensadas, apesar da repressão ocorrida durante a II Guerra Mundial. Salientamos que no estado do Rio do Sul as repressões aos descendentes de italianos se deram de forma diferenciada (vide Zanini, 2005, 2006; Sganzerla 2001; Giron, 1994; Santos, 2004). Não se trata de um processo que possa ser generalizado e nem interpretado de forma descontextualizada. Neste período de repressão à italianidade, novos pertencimentos foram sendo acionados, entre eles o de serem nativos gaúchos.

Não se pode esquecer, como ressalta Azevedo, a reinterpretação histórica e comemorativa do 20 de setembro, data da unificação italiana com o dia da «proclamação da República Rio-Grandense», o que permitiria aos imigrantes, segundo ele, «celebrarem sem conflito sua efeméride nacional junto com os gaúchos que cultuam sua epopéia» (1975, p. 250). Como aponta Azevedo, esta ambigüidade revelaria «a latente persistência da italianidade», mas amorteceria «possíveis ressentimentos» entre os grupos. Enfim, pode-se observar que, de ambas as partes, houve e há uma tentativa de significação comum, o que permitiria partilhas e trocas sociais.

### **Rio Grande do Sul: terra de homens, de cavalos e de liberdade**

A literatura produzida pelos próprios imigrantes italianos (Lorenzoni, 1975; Pozzobon, 1997) mostra que já nos primeiros encontros destes com o regional «gaúcho», a distintividade e a elaboração de uma relação dialógica teria início. A categoria gaúcho será utilizada metonimicamente querendo englobar nela também o luso-brasileiro, o pêlo-duro<sup>11</sup>, o indígena, o homem campeiro, entre outras diferenças presentes no mundo considerado «dos brasileiros», da América e que foi sendo conhecido e reconhecido ao longo do processo colonizador. É importante apontar que aquele camponês italiano despossuído que rumava para o sul do Brasil tencionava se tornar proprietário de terra e trabalhar de forma autônoma. Eles queriam ser



senhores de si e não estarem subjugados ao mando de patrões ou de senhores. Almejavam terra, liberdade e manutenção de uma ordem familiar e cultural também (Alvim, 1986 e Grosselli, 1987). Como ressaltam Costa e De Boni:

Examinando nosso modo de ser, devemos confessar que, desde que aportamos nessa abençoada província de São Pedro, sempre tivemos uma discreta inveja da vida do gaúcho: bombachas, pala, botas, lindos arreios, amplas propriedades, tudo isso nos falava simbolicamente da fartura e da liberdade, dois dos motivos pelos quais deixamos a velha península. Apesar dessa admiração, porém, poucos de nós tornaram-se fazendeiros, pois não tínhamos dinheiro para adquirir campos e, quando o viemos a ter, já havíamos descoberto que era bem mais rentável investir os nossos recursos na economia urbana (1998: 20).

22 23

O forte vínculo familiar, necessário para a reprodução do mundo do trabalho camponês fez com que aquelas famílias desenvolvessem noções de disciplina, autoridade e de solidariedade muito fortes. Não sem conflitos de gerações, de gênero ou de projetos individuais frustrados, as famílias se mantiveram e se reproduziram. Contudo, com lotes de terras de pequeno porte, prole numerosa e poucas chances de ascensão, a saída para novas fronteiras agrícolas, para o trabalho operário e para a as vocações religiosas teve início. As famílias foram se tornando diversas, extensas e portadores de clivagens internas. Zanini (2006), em suas pesquisas, ressalta que, partindo do mesmo emigrado italiano, encontrou famílias ramificadas que estavam posicionadas em classes sociais diferenciadas, tendo membros com capitais culturais e sociais muito diferenciados. A trajetória dos descendentes seguiu caminhos diversos, muito deles ligados à reprodução da condição camponesa ou não, bem como a sujeição a novos processos migratórios (tanto para o Rio Grande do Sul como para outros estados). A busca pela propriedade da terra ou de seus próprios negócios foi e continua sendo uma força motivadora destas populações. Da mesma forma, seja no mundo urbano ou rural, família e trabalho tendem, de uma forma ou outra a se cruzarem, pois são partes valorativas presentes numa mesma ordem de mundo em que o trabalho pode ser considerado um princípio classificador dos indivíduos e das estirpes familiares.

Além disso, para o mundo camponês a terra é um valor, elemento de trabalho e também de coesão familiar. Não se trata somente de um meio de produção, mas sim de um meio de reprodução moral, valorativa e étnica. Zanini (2006) encontrou descendentes de imigrantes italianos no mundo rural da região central do rio Grande do Sul que ainda habitavam as mesmas terras que os antepassados pioneiros e a possibilidade de terem que se desfazer de tal patrimônio era algo tenso. Com o envelhecimento das populações rurais, com a saída para as cidades e a falta de expectativa de ascensão social por meio do trabalho camponês, observou situações de sucessão complexas entre descendentes de imigrantes italianos que consuetudinariamente possuíam regras de transmissão específicas, mas que findaram, por meio de arranjos, adequando-se às situações legislativas nacionais quanto à herança (Zanini, 2008).

## Os gringos do Rio Grande do Sul: chimarrão, fartura e musica

*Uma polenta com omelete, chicória cozida como se come  
Os «agnolini» com massa, todos gostam e a festa é bela.  
Se faz a festa sábado à noite, se bebe e se canta a noite toda  
Jogo da «mora» é aquele barulho, o nono Bepi perdeu o chapéu.  
Boa saúde e barriga cheia se faz a festa  
Após a janta  
Se faz a festa após a janta, boa saúde e barriga cheia.  
Chama o compadre, chama a comadre,  
Faremos «filó» como em anos passados  
Vinho «Del ciodo» não pode faltar, e a «Verginela» se faz cantar.  
Dançam os jovens, dançam os velhos todos  
Contentes sem parar  
O vovô vermelho de tomar vinho, a vovó cansada,  
Cuida o «Bepino»  
Viva o Brasil, nosso Rio Grande, Viva a Itália  
Viva imigrante  
Viva José, viva Maria, viva os italianos cheios de alegria.  
(ÁLVARO MANZONI E VICENTE Z. CUOCO)<sup>12</sup>*

Alcunhados e alcunhando-se de «gringos<sup>13</sup>», os emigrados da Itália, tornados imigrantes italianos no Brasil, colonizadores de parte do estado do Rio Grande do Sul, terra em que se converteram em proprietários, desde cedo desenvolveram uma relação pragmática e de afeto para com o mundo que permitia a eles sobrevivência enquanto famílias camponesas católicas e auto-suficientes, como ressaltada na epígrafe acima. Houve uma mistura de gostos, sabores e de afetos que se cruzaram no processo de colonização ocorrido no Rio Grande do Sul. Tratados como gringos, estrangeiros, aquelas populações desenvolveram uma *coiné* própria, o *Talian*, que permitia uma comunicação mesclada de termos e palavras já tornadas parte do mundo.

Outro elemento em comum presente em ambos os processo reivindicatórios de origem, seja de gaúchos (vide Teixeira, 1988, Oliven, 1992 e Maciel, 2005) ou de italianos (Zanini, 2006) é a utilização do passado como recurso narrativo que promove aquilo que Zanini (ibidem) denominou de *memórias em construção*. Memórias, no sentido a estas emprestado por Halbwachs (1990), ou seja, de leituras sobre o passado elaboradas no presente. Passado este reconstruído, recomposto por meio de tradições inventadas (Hobsbawn e Turner, 1997) ou não, importando ao antropólogo compreender a utilização que estes sujeitos fazem do passado, elemento que se torna extremamente revelador do que eles são, de fato, no presente. Enfim, quais seus gostos, estilos de vida e expectativa frente a uma sociedade em que as mudanças ocorrem muito fortemente?

Neste processo, a existência de agentes interétnicos (ou agentes culturais) se torna fundamental. Eles serão os intermediários que trabalharão na construção e na movimentação de uma determinada expressão dos mundos de origem. Seja

entre os descendentes de italianos ou entre os tradicionalistas gaúchos, a presença destes agentes é fundamental na disseminação dos gostos e dos estilos de vida provenientes da adesão a uma determinada visão de mundo e de um *ethos* específico. Entre os descendentes de italianos estes agentes podem ser religiosos, intelectuais, homens públicos, donas de casa, professores, empresários, enfim, todos aqueles que tomam para a si tarefa de «cultivar as raízes» publicamente e fazer desta ação algo público e compartilhado. No Rio Grande do Sul, há mais de uma centena de associações italianas, de *circolos*, que são organizações regionalizadas conforme a região de procedência dos emigrados da Itália, de corais e grupos de dança que visam «manter aceso» o gosto pelas coisas do mundo de origem. Muitos dos descendentes participam tanto das associações italianas como de CTGs e grupos de danças folclóricas<sup>14</sup>. Enfim, são formas associativas que não se conflitam, mas que findam por agregar distintividades e pertencimentos. Ambas também são construtoras de leituras do passado que permitem aos indivíduos traçarem uma linha ontológica de si mesmos no presente, do mundo de origem (italiano ou gaúcho) a suas existências contemporâneas, podendo justificar e atribuir sentido a suas escolhas.

Certa forma de sociabilidade regrada é também algo que une ambas as identificações. Seja em bailes, festivais, comemorações, em festas familiares ou outras, o comportamento e disciplina esperados do descendente de imigrante italiano e do gaúcho é similar, como ressalta o descendente de italianos Rigotto na obra «Nós, os ítalo-gaúchos»:

Maior, ainda, em importância e influência é a integração que conseguimos formar, unindo esse lado festivo e espontâneo, com as tradições gaúchas. Gostamos de um fandango, ao melhor estilo campeiro, assim como de uma animada festa de igreja, introduzida na sociedade local pelos colonos que povoaram esta terra. Vibramos com as canções gauchescas, da mesma forma que veneramos as belas canções do folclore italiano, que nos proporcionam motivo de satisfação e orgulho (1998: 49)

Além disso, é importante ressaltar que ambas as identificações tem consigo um forte apelo emocional. Baseados na crença da origem comum (Weber, 1994), seja a italiana ou a de gaúchos, estes indivíduos contemporâneos acionam um sem número de repertórios de formas de ser condizentes com o estilo de vida que agrega tais atributos, sem contradições. Em especial entre as camadas médias urbanas de descendentes de italianos, era comum observar mobílias, vestimentas, jóias, consumo de um elevado número de elementos advindos da mescla destes mundos. Nestes indivíduos havia toda uma discursividade sobre as origens que se cruzava com suas próprias histórias de vida. A reivindicação de uma identidade originária, desta forma, agregaria valor a si mesmos e as suas próprias histórias familiares e grupais. Um estilo de vida ítalo-gaúcho no qual o consumo de bens, símbolos e toda uma gama de elementos que alimentam e são alimentados pelas noções de pertencimento. Pertencimento este que, para estes indivíduos, deve ser analisado na perspectiva de uma escolha ( Featherstone, 1995) e não de uma identidade essencializada ou essencializadora.

O consumo permitiria, desta forma, uma estetização da vida, sobre a qual há, igualmente, todo um repertório discursivo. Um dos elementos mais presentes neste processo estetizador discursivo é a presença do mundo rural, seja narrado em causos, contos, poemas, músicas e toda uma produção que está presente tanto na litera-

tura produzida por descendentes de imigrantes italianos bem como na literatura regional do Rio Grande do Sul. Os ítalo-gaúchos que assim se definem têm um gosto particular pela vida no campo. Mesmo estando em cidades ou não fazendo parte do mundo rural, as narrativas da ancestralidade, dos pioneiros colonizadores remetem ao mundo no qual cultura e natureza dialogavam, conflitavam-se e se domesticavam. O mundo das matas virgens, das feras, da construção das primeiras picadas e estradas, das casas, do mundo da colônia enfim, cruza-se com o mundo rural ideal da gauchidade: homem, cavalo, liberdade, ação, coragem. Ou seja, atributos em negociação que remetem a uma estirpe de força e vigor.

Esta tipificação do mundo rural que, por vezes, é construída numa visão romântica do campo e de seus afazeres provoca sentimentos de nostalgia, muito comum de ser encontrado nas narrativas dos descendentes. Nestas construções, observamos que as representações servem como guias socializadores, apontando para os indivíduos caminhos a seguir, táticas e estratégias de ação. Diria que tal capacidade nas sociedades contemporâneas que se transformam com muita rapidez, é algo a ser considerado. Além disso, todos os elementos presentes nas auto-identificações ítalo-gaúchas emprestam aos indivíduos uma noção de estilo de vida como algo que conota «individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada» (Featherstone, 1995: 119). Durante seu campo, Zanini (2006) chamou a atenção para a existência de um mundo camponês miniaturizado existente na zona urbana de Santa Maria. Eram indivíduos que em terrenos urbanos ou mesmo em apartamentos procuravam reproduzir um gosto pelas coisas do mundo camponês. Eram pequenas hortas, fogões à lenha, parreirais que possibilitavam aqueles indivíduos se sentirem, mesmo distantes, conectados ao «mundo de origem» camponês e italiano que deve ser entendido como formador de *habitus* (Bourdieu, 1983), ou seja, estavam a tal ponto interiorizados que acompanham os indivíduos onde que eles se situem.

Outro elemento que mereceria um capítulo à parte é o hábito de se beber chimarrão. O plantio e cultivo da erva-mate foi introduzido também entre as atividades dos emigrados italianos e no Álbum do primeiro Cinquentenário de Colonização italiana no estado do Rio Grande do Sul (1925), esta já era citada como um dos principais produtos cultivados por aqueles. Eles começaram a produzir para o mercado, mas também a consumir no interior dos domínios familiares. Zanini (2006) relata que um de seus entrevistados narrou que era vergonhoso beber chimarrão em público, mas que com o passar dos anos os italianos deixaram de sentir vergonha e tornaram este hábito público. Neste aspecto, deve ser observado que este foi um hábito que no Rio Grande do Sul como todo se popularizou entre todas as camadas sociais, gêneros e grupos étnicos. A mídia desenvolveu um papel muito importante na ressignificações deste hábito. E, para os descendentes de italianos o chimarrão é muito apreciado porque daria disposição para o trabalho e também porque «junta a família».

Cumprir notar que Azevedo (1994: 72), já no final da década de 60, chamava a atenção para a existência no Rio Grande do Sul valores «coloniais», isto é, «reelaborações da experiência européia no meio colonial». Essas reelaborações são uma mistura das culturas e valores gaúchos, brasileiros e italianos que dão origem a uma cultura local dentro da cultura regional, uma subcultura dentro da cultura gaúcha. Nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana no estado, o então governador, Sinval Guazzelli, descendente de imigrantes italianos, em sua *Mensagem*, presente no Álbum, declara que:

...se na língua-mãe não escondiam os laços que ainda os ligavam a sua península mediterrânea, o ar que aqui se respira, o calor do sol que os acompanhou no trato diurno com as coisas que sabiam fazer, o clima que cercava suas lavouras e suas vidas, a maturação de seus vinhedos, a força da nova terra, enfim integrou-os à heróica saga riograndense.

E a troca de conhecimentos e costumes com aqueles que aqui encontraram os filhos nativos da terra e os outros imigrantes de além-mar, propiciaram o mais rico caldeamento cultural que este chão poderia receber. Depois da inserção italiana no universo riograndense, pode-se sentir que a terra mudou. Para melhor. Porque se eles, os italianos vieram para ficar, deram-se por inteiro ao novo mundo (1975: .4).

### Considerações finais

Uma das questões interessantes que observamos nos processos de encontros entre diversidades é a formação tradutória e discursiva possibilitada por estes contatos. Afinal, como ressalta Bhabha (2001), as culturas seriam entre-lugares-deslizantes, ou seja, projetos sempre inacabados e não enunciados em sua inteireza. Não há como definir em definitivo identidades, sejam hifenizadas ou não. Elas estão sempre em processo, em troca e em negociação. Conforme conjunturas diversas os indivíduos remanejam seus sinais diacríticos e associam a si mesmos elementos das diversidades alheiras. Assim, tanto coisas de italianos «caíram no gosto» do gaúcho de um modo geral como as coisas de gaúcho «caíram no gosto» dos descendentes de italianos.

Não se pode negligenciar o papel socializador da educação formal, que tem valorizado enormemente as tradições gaúchas, das mídias, que há muito tem entrado nas casas dos descendentes via jornais, rádio, televisão, e agora via Internet. As possibilidades de troca e de consumo de bens culturais do cruzamento destes mundos são amplas, permitindo aos indivíduos que no interior deste mercado possam elaborar seu próprio repertório. Pensamos que não se pode generalizar tal processo de uma forma ampla. Há ítalo-gaúchos camponeses, há ítalo-gaúchos empresários, há ítalo-gaúchos operários, há homens, mulheres, crianças, idosos, enfim, uma enormidade de clivagens que devem ser conhecidas no interior das construções representativas e classificatórias dos indivíduos.

E por fim devemos observar que aquilo que define e delimita os ítalos-gaúchos como grupo e une todos os tipos acima citados em uma só classificação, mais que o apelo à uma origem comum, são determinados valores, tais como a ética do trabalho, a ideologia da ascensão social e uma determinada noção de família e seus correlatos em termos de práticas sociais. Ou seja, seu estilo de vida.

## Notas

<sup>1</sup> As argumentações presentes neste artigo são fruto de pesquisas etnográficas realizadas pelas autoras junto a descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Maria Catarina C. Zanini (UFSM) desenvolve pesquisas desde 1997 na região central do estado e Miriam de Oliveira Santos (UFRRJ) desenvolve pesquisa na região de Caxias do Sul desde 2002.

<sup>2</sup> Estamos utilizando a noção de gosto e estilo de vida neste artigo conforme Bourdieu, para quem: «O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a forma generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos; mobília, vestimentas, linguagem ou *hexis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados» (1983:83–84).

<sup>3</sup> Como ressalta Bhabha (2001:20): «O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses «entre-lugares» fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação —singular ou coletiva— que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração, no ato de definir a própria idéia de sociedade».

<sup>4</sup> Por colono, entendemos, de acordo com Seyferth (1993), a dimensão étnica da identidade camponesa. Segundo a autora, no sul do Brasil ela diz respeito à condição de descendentes de imigrantes europeus: «A identificação do colono como ser coletivo inclui tanto a objetividade dos fatores culturais e sociais delineadores de uma comunidade camponesa específica, como a subjetividade de elementos etnicamente elaboradas e contidas, sobretudo, na idéia de “origem” dada pela imigração» (ibidem:..61).

<sup>5</sup> Em suas reflexões acerca da relação regional/nacional, Oliven (1998:80) ressalta que: «O que ocorre no Rio Grande do Sul parece estar indicando que atualmente para os gaúchos só se chega ao nacional através do regional, ou seja, só é possível ser brasileiro sendo antes gaúcho. A identidade gaúcha é atualmente reposta não mais em termos da tradição farroupilha, mas enquanto expressão de uma distinção cultural em um país onde os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar culturalmente a sociedade a partir de padrões muitas vezes oriundos da zona sul do Rio de Janeiro».

<sup>6</sup> Outro artigo, de autoria de Zanini (no prelo), denominado *Brasileiros, italianos, gaúchos, venetos, trentinos, lombardos, vicentinos...: origens em evidência* também é fruto destas inquietações.

<sup>7</sup> Como ressalta Maciel, «Gaúchos são todos os nascidos no Estado, uma população heterogênea com suas diferenciações sociais econômicas e culturais (o que inclui desde classe social até origens étnicas). Neste sentido, é sinônimo de «rio-grandense do sul» (1994:32)». Contudo,

como ressalta a autora, a denominação gaúcho se presta a confusões e se deve ter cuidado em sua passagem histórica de marginal a herói.

<sup>8</sup> Como salienta Bourdieu, «O acto de categorização, quando consegue fazer-se reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce o poder por si: as categorias “étnicas” ou “regionais”, como as categorias de parentesco, instituem uma realidade usando do poder de revelação e de construção exercido pela objectivação no discurso» (1998: 116).

<sup>9</sup> Jovem de 14 anos que migra com a família para a região central do Rio Grande do Sul. Suas memórias escritas foram traduzidas e publicadas por uma descendente sua em 1975 quando dos festejos do centenário da Imigração Italiana no estado.

<sup>10</sup> Para Zanini (s.d.:p.): «Considerando-se que aquelas populações de imigrantes foram conduzidas para localidades nas quais ficavam, de certa forma, distantes do grande convívio com os nacionais e que este, quando era efetuado, era realizado por homens (Azevedo, 1975: .236), pode-se pensar também porque alguns símbolos presentes na constituição do tipo ideal do gaúcho acabaram caindo na simpatia do colono italiano, tais como o cavalo, os trajes (Azevedo, : 243) e aquele ar de homem livre, cavalgando pelos campos abertos, imagem pura do homem “sem dono”. »

<sup>11</sup> Forma como os imigrantes italianos e os descendentes denominavam (e ainda denominam) aqueles que teriam origens regionais, que podem ser lusas, indígenas ou «misturadas».

<sup>12</sup> Esta letra de música se denomina *Bona salute e pancia piena* (Boa saúde a barriga cheia), presente no CD *Italianissimo – Sono Imigrante – 120 anos de imigração italiana*, do grupo *Ragazzi dei Monti*, de Monte Belo do Sul. Nela se observa a mescla de mundos, de falares e de gostos também.

<sup>13</sup> Embora dependendo do contexto, tal denominação pode ser utilizada como ofensa e ser recebida com indignação. O termo colono também possui esse *status* ambíguo, sendo utilizado ora como demarcador identitário, ora como estigma (Cf. Teixeira, 1988, especialmente o capítulo V).

<sup>14</sup> Por exemplo, no ano de 2000, Zanini fora comunicada do evento que escolheria a Prenda Ítalo-riograndense de um CTG em Santa Maria. Prenda é figura feminina que acompanha o gaúcho. Há vestimentas específicas e todo um repertório performático e moral que deve acompanhar a figura da prenda.

## Referencias bibliográficas

- ANDERSON, B. (1983). *Imagined communities*. London: Verso.
- AZEVEDO, T. (1975). *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro.
- (1994). *Os italianos no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS.
- BARTH, F. (2000). Os grupos étnicos e suas fronteiras. Em Lask, T. (org.), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- BHABHA, H. (2001). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- BORNHOLDT, L.C. (2010a). What is a gaucho? Intersections between state, identities and domination in Southern Brazil. *Contextos*. Revista d'Antropologia i investigacio social. (nº 4), 23–42. Consultado em 04 de dezembro de 2012 em: <www.con-textos.net>.
- (2010b). Negociações desiguais. Resistência na relação entre trabalhadores rurais e criadores de gado no Sul do Brasil. *Civitas*. 10 (nº 3), 513–526.
- BOURDIEU, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- (1998). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes.
- (2004). *O Poder simbólico* (7 ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CARA–WALKER, A. (1987). Cocoliche: the art of assimilation and dissimulation among italians and argentines. *Latin American Studies Association*. 22 (nº 3), 37–67.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (2006). *Caminhos da identidade: ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15.
- COHEN, A. (1974). *Urban Ethnicity*. Introdução. London: Tavistock Publications.
- CORADINI, O.L. (1988). «Os significados da noção de “italianos”». Em Maestri, M. (org.) *Nós, os italo-gaúchos* (2 ed). Porto Alegre: Editora da Universidade, pp. 33–39.
- CORREA, S.M.S. (2001). Identidade Étnica em Meio Urbano. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, 7 (nº 2), 119–132.
- DALL'AGNOL, S.G.B. (1983). *O amor é vida: árvore genealógica das famílias Dall'Agnol Bogoni (Bodo-Pra-Spigiorim-Mores)* (2 ed). Porto Alegre: EST.
- DELANEY, J. (1996). Making sense of modernity: changing attitudes toward the immigrant and the gaucho in turn-of-the-century Argentina. *Comparative Studies in Society and History*, V. 38, (nº 3), 434–459.
- DE BONI, L.A. E COSTA, R. (1984). *Os italianos do Rio Grande do Sul* (3 ed). Porto Alegre/ Caxias do Sul: EST/Universidade de Caxias do Sul.
- FEATHERSTONE, M. (1995). *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- GEERTZ, C. (1997). *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes.
- GIRON, L.S. (1994). *As sombras do Littorio*. Porto Alegre: Parlena.
- GOEBEL, M. (2010). Gaúchos, gringos and galegos. The assimilation of the Italian and Spanish Immigrants in the making of Modern Uruguay 1880–1930. *Past & Present* (nº 208), 191–229.
- GOLIN, T. (2004). *Identidades*. Questões sobre as representações sociais no gauchismo. Passo Fundo: Clío, Méritos.
- GOODY, J. (1986). *The logic of writing and the organization of society*. New York: Cambridge University Press.
- GUAZZELLI, S. (1950). *Album Comemorativo do 75 Aniversário da colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Revista do Globo.
- GUTIERREZ, E. E GUTIERREZ, R. (2000). *Arquitetura e assentamento italo-gaúchos (1875–1914)* Passo Fundo: UPF.
- HALBWACHS, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais.
- HOBSBAWN, E. E RANGER, T. (ORG) (1997). *A invenção das tradições* (2



- ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- JACKS, N. (1999). *Querência. Cultura regional como mediação simbólica*. Porto Alegre: Ed.UFRGS.
- LEAL, O.F. (1992). Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. Em Teixeira, S.A. (org). *Brasil & França: ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Ed. UFRGS. pp. 141–150.
- LORENZONI, J. (1975). *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina.
- MACIEL, M.E. (1994). «Considerações sobre gaúchos e colonos». Em Baquero, M. et al. *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC. pp. 32–39.
- MAROCCHO, I.A. (2010). Aspectos da cultura gaúcha e sua teatralidade. Em Brum, C.K. et al (org). *Expressões da cultura gaúcha* (107–138). Santa Maria: Ed. UFSM.
- OKAMURA, J. (1981). Situational ethnicity. *Ethnic and racial studies*. 4(4), 452–465.
- OLIVEN, R.G. (1991). Em busca do tempo perdido. *RBCS* 15. 6 (15), p. 40–52. Consultado em 6 de dezembro de 2012 em: <[www.anpocs.org.br/portaol/publicacoes/rbcs\\_00\\_15/rbcs15\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portaol/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm)>.
- (1992). *A Parte e o todo*. Petrópolis: Vozes.
- (1993). A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. Em Fonseca, C. (org) *Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina* (pp. 24–40). Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- OLIVEN, R.G. (2006). National and regional identities in Brazil. Rio Grande do Sul and its particularities. *Nations and Nationalism*. 12 (2), 303–320.
- (2010). Rio Grande do Sul: um só estado, várias culturas. Em Brum, C.K. et al (org). *Expressões da cultura gaúcha* (pp. 15–38). Santa Maria: Ed.UFSM. (pp.15–38)
- ORTNER, S.B. (2007). Subjetividade e Crítica Cultural. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. 13 (28), 375–405. Consultado em 20 de janeiro de 2010 em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a15v1328.pdf>>.
- PEREIRA, J.B.B. (1974). *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Pioneira.
- PESAVENTO, S. (1993). A invenção da sociedade gaúcha. *Ensaio FEE*, v. 14, (nº 2), 383–396.
- RIGOTTO, G.A. (1998). Nossa salutar integração faz do Rio Grande a terra que os imigrantes sonharam. Em Maestri, M. (org.) *Nós, os ítalo-gaúchos* (2 ed) (pp. 48–50). Porto Alegre: Editora da Universidade.
- RIOS, J.A. (1958). Aspectos políticos da assimilação do italiano no Brasil *Sociologia*, São Paulo. XX (3), 295–339.
- ROCHE, J. (1969). *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo.
- RONSINI, V. M. (2004). *Entre a capela e a caixa de abelhas. Identidade cultural de gringos e gaúchos*. Porto Alegre: EdPUCRS,
- SANTIN, S. (1996). Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. Em De Boni, L.A. (org) *A presença italiana no Brasil* (pp. 593–610). Porto Alegre; Torino: EST/ Fondazione Giovanni Agnelli.

- SANTOS, M.O. (2004). *Bendito é o fruto: festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS*, tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social UFRJ – Rio de Janeiro.
- SEYFERTH, G. (2000). Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. Em De Cerqueira Leite Zarur, G. (org), *Região e nação na América Latina* (pp. 81–109). Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- SGANZERLA, C.M. (2001). *A lei do silêncio*. Passo Fundo: UPE.
- SLATTA, R.W. (1983). *Gauchos & the vanishing frontier*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- (1984). Gauchos, llaneros y cowboys: un aporte a la historia comparada. *Boletín Americanista*, n. 34: 193–208. Consultado em 5 de dezembro de 2012 em: <<http://www.raco.cat/index.php/boletinamericanista/article/viewFile/98446/146061>>.
- TEIXEIRA, S.A. (1988). *Os Recados das Festas*. Rio de Janeiro: FUNARTE.
- WEBER, D. E RAUSCH, J.M. (ORG) (1994). *Where cultures meet*. *Frontiers in Latin American History*. Wilmington, DE: Scholarly Resources Inc.
- WEBER, R. (2004). O Avanço dos «italianos». *Historia em revista*, (nº 10): s.p. Consultado em 06 de dezembro de 2012 em: <[http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia\\_em\\_revista\\_regina\\_weber.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_regina_weber.pdf)>.
- WILLEMS, E. (1980). *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Nacional.
- ZANINI, M.C. (2005). O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. Em Dalmolin, C. (org.). *Mordaça verde e amarela* (pp. 113–128). Santa Maria: Palotti.
- (2006). *Italianidade no Brasil meridional. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria: Ed. UFSM.
- (2008). «Agricultores, camponeses e também colonos descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul». Em Neves, D. P. (org.) *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil. Formas dirigidas de constituição do campesinato*. São Paulo/Brasília: UNESP/NEAD, v. 2. pp. 89–108.
- (2010). Brasileiros, italianos, gaúchos, vênnetos, trentinos, lombardos, vicentinos: origens em evidência. Em Brum, C. K. et al (org). *Expressões da cultura gaúcha* (pp. 49–64). Santa Maria: Ed. UFSM.
- ZANINI, M.C. E SANTOS, M.O. (2009). Colonizações em contraste: italianos no Rio Grande do Sul. Em Tedesco, J. C. et al (org) *Colonos, Colônias & Colonizadores*. Vol II. Erechim: Habilis.
- (2013). As Festas da Uva de Caxias do Sul, RS (Brasil): Historicidade, mensagens, memórias e significados. *Artelogie* (Online), v. 4, pp. 1–10.

Zanini, Maria Catarina C.  
de Oliveira Santos, Miriam

«Ítalo-brasilianidade “gaúcha” como estilo de vida». *El hilo de la fábula. Revista anual del Centro de Estudios Comparados* (17), 17–32.

Fecha de recepción: 20 · 09 · 16

Fecha de aceptación: 12 · 04 · 17